

# *Metodologias Ativas para o Ensino de Gramática: a roleta das relações sociais de “nós” e “a gente”*

Bruno Felipe Marques **PINHEIRO\***

Gabriele Cristine **CARVALHO\*\***

Paloma Batista **CARDOSO\*\*\***

\* Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialização (2020) em Docência com ênfase na educação básica pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Contato: bpinnheiro@hotmail.com.

\*\* Doutora (2015) em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Contato: gabriele.carvalho@ifmg.edu.br.

\*\*\* Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialização (2020) em Docência com ênfase na educação básica pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Contato: paloma-batistacardoso@hotmail.com.

## **Resumo:**

Neste artigo, expomos a relevância das metodologias ativas para o ensino de gramática, por meio da aplicação do jogo “Roleta das Relações Sociais do ‘nós’ e ‘a gente’” em uma turma do 9º ano do colégio Jacintho de Figueiredo (Aracaju/SE), a fim de contribuir para o ensino produtivo dos padrões de uso dos pronomes de primeira pessoa do plural. Partimos do pressuposto de que o aluno deve ser o protagonista do processo de aprendizagem, considerando suas experiências pessoais. Os resultados da aplicação mostraram quatro padrões de uso para a concordância verbal em posição de sujeito com as formas “nós” e “a gente”, o que evidencia a importância de um modelo de ensino de língua sensível às variedades sociolinguísticas dos alunos frente à variedade canônica da língua. O jogo mostrou-se uma alternativa plausível para o que propusemos, pois, por meio dele, toda a turma pôde ressignificar usos linguísticos, seus condicionamentos e impactos na vida social.

## **Palavras-chave:**

Metodologias ativas. Gramática e variação. Primeira pessoa do plural.

*Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 23, n. 1, p. 64-79, abr. 2020*

*Recebido em: 18/02/2020*

*Aceito em: 24/03/2020*

# Metodologias Ativas para o Ensino de Gramática: a roleta das relações sociais de “nós” e “a gente”

---

Bruno Felipe Marques Pinheiro; Gabriele Cristine Carvalho; Paloma Batista Cardoso

## INTRODUÇÃO

O linguista Carlos Franchi, em seu texto *Mas o que é mesmo gramática*, questiona: “Será que ainda se deve pensar em gramática no ensino fundamental?” (2006, p. 11). Muitos pesquisadores e professores têm discutido a pertinência do ensino de gramática, ora posicionando-se a favor, ora contra. Todavia, nessas discussões, é comum que haja confusão sobre o que é ensinar gramática.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), o ensino de gramática deve instrumentalizar o aluno para ler e escrever proficientemente diferentes gêneros. O objetivo deve ser mobilizar recursos de competência linguística e textual, para que os alunos utilizem seus conhecimentos em quatro eixos de atuação (leitura, oralidade, análise linguística e produção textual) e desenvolvam as competências interativa e textual em diversos gêneros e contextos sociais.

A Base Nacional Comum Curricular de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (BRASIL, 2017), documento normativo homologado em 2018, assume a centralidade do texto no ensino de Língua Portuguesa e recomenda que “os estudos de natureza teórica e metalinguística – sobre a língua, sobre a literatura, sobre a norma padrão e outras variedades da língua – não devem, nesse nível de ensino, ser tomados como um fim em si mesmo” (p. 67). Neste sentido, deve-se ensinar gramática não como um conjunto de regras a ser memorizado, mas como instrumento para as demandas sociais de leitura, escrita e comunicação oral.

Esse tipo de prática continua presente na esfera escolar na qual subjaz a noção de língua, apesar das contribuições de estudos sociolinguísticos na área da educação (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005, 2008), como uma estrutura imutável que, por conseguinte, não sofre influência das particularidades sociais dos diversos grupos de falantes situados em ambientes sócio-históricos específicos.

Há professores que concebem a gramática como um “conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecida pelos especialistas, com base no uso da língua, consagrado pelos bons escritores” (FRANCHI, 2006, p. 17), o que gera um ensino ditador, pois ignora as experiências de falantes reais e não permite que os alunos reflitam sobre a complexidade da comunicação e dos fatores que a influenciam. Entretanto, entendemos gramática como o resultado das experiências dos falantes nas mais diversas situações comunicativas. Por isso, encontra-se em constante adaptação, pois faz parte da cognição humana. Nesta perspectiva, gramática não corresponderia às normas do bem falar e escrever, como apontam muitos gramáticos normativos, mas ao conjunto de regras que o falante de uma língua aciona inconscientemente para se comunicar (BYBEE; HOPPER, 2001; GIVÓN, 2005; BYBEE, 2010).

A Sociolinguística, área da linguística que estuda as relações entre língua e sociedade, aponta que a variação e a mudança são inerentes às línguas naturais. No convívio social, esses processos sofrem influência dos julgamentos que os indivíduos, organizados em grupos, executam em suas relações sociais (LABOV, 1978, 2001, 2006). Por isso, algumas variedades – faladas por pessoas socioeconomicamente privilegiadas, vale destacar – são mais bem aceitas e têm mais prestígio do que as demais.

A partir dos estudos sociolinguísticos, as noções de erro e acerto, nas universidades e em muitas escolas, têm sido transformadas, visto que muitas vezes o que chamamos de erro, na verdade, é o uso de uma forma linguística com menos prestígio social ou estigmatizada, como se pode ver na citação a seguir.

Erros de português são simplesmente *diferenças* entre variedades de língua. Com freqüência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas de afeto e informalidade, [...] e culturas de letramento, como a que é cultivada na escola (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 37).

Argumentamos que a melhor abordagem para ensino de gramática na escola deve se basear na realidade do aluno, a partir de uma prática que leve em consideração suas experiências como falante e, claro, o que é socialmente aceito, com o objetivo de permitir sua plena participação nas diferentes esferas da vida social. Defendemos, então, que o estudante deve ser o protagonista do seu aprendizado, sistematizando regras e usos da língua de acordo com os diferentes espaços sociais.

Com isso, precisamos de um tipo de abordagem em que o foco esteja no aluno, e não no professor. E, neste caso, consideramos que as metodologias ativas podem ser estratégias de ensino por meio das quais o aluno é protagonista de seu aprendizado. O aluno permuta da posição de expectador para a de protagonista na aquisição do conhecimento, o que promove melhor desenvolvimento do aprendizado e de diferentes competências. Ao partir da realidade dos discentes, permite-se a compreensão e aprendizado de conceitos (LAURÍA; ZAMPAR; LEMOS, 2019).

As contribuições do uso de metodologias ativas para o ensino de gramática são expostas neste artigo a partir da aplicação de um jogo didático-pedagógico intitulado “Roleta das Relações Sociais do ‘Nós’ e ‘A Gente’”, que tem como objetivo contribuir para o ensino produtivo de gramática, particularmente do ensino dos pronomes de primeira pessoa do plural. Esse jogo foi aplicado em uma turma de 9º ano da Escola Estadual Jacintho de Figueiredo,<sup>1</sup> de Aracaju/SE, em três fases: aplicação de um instrumento de coleta; aplicação do jogo e sistematização das regras gramaticais.

Na próxima seção, defenderemos a pertinência das metodologias ativas como caminho para um processo de ensino eficiente, a fim de estimular reflexões sobre a complexidade dos fatores sociais que influenciam os usos linguísticos. Depois, faremos um breve panorama dos estudos linguísticos acerca da variação da primeira pessoa do plural no português brasileiro. Por fim, descreveremos o método de aplicação do jogo e apresentaremos os resultados e as discussões, além das considerações sobre o desenvolvimento da atividade.

## **METODOLOGIAS ATIVAS PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA**

Nas aulas de análise linguística (gramática), uma das dificuldades encontradas é o engajamento dos alunos. Como meta para o incentivo à participação, o método ativo pode ser útil para a aprendizagem, pois propõe que se parta da curiosidade dos estudantes para despertar o interesse pelo próprio aprendizado, instigando a pesquisa, a reflexão, a análise de situações e a tomada de decisões (BERBEL, 2011).

A experiência tem papel primordial no método ativo, porque advém das relações entre os corpos do eu e do outro na interação, nas percepções entre o agente e a situação social estabelecida por esses corpos (DEWEY, 1978). O conhecimento passa a ser apreendido pelos alunos, pois suas experiências são construídas

---

<sup>1</sup> A escola Jacintho de Figueiredo está situada no bairro Farolândia, parte do Conjunto Augusto Franco, onde está localizada a maior universidade privada do estado. Nessa área, há inúmeros empreendimentos imobiliários que atendem muitos alunos dessa instituição de ensino superior, alguns deles de classe média alta. Entretanto, a escola atende o público de um bairro caracterizado por uma situação de vulnerabilidade socioeconômica.

entre os colegas no meio escolar. Nesse tipo de abordagem, o papel do professor passa a ser o de mediador, para facilitar a conexão entre os alunos e as situações expostas, o que possibilita a construção de conhecimentos com base em três eixos: aluno, situação e conteúdo. Por meio das orientações e dicas do professor, os alunos são motivados a construir seu próprio aprendizado (DEWEY, 2010).

As metodologias ativas fazem com que os discentes abandonem o lugar de meros corpos receptores de conteúdos e passem a ser corpos que geram ações de mudanças da sua própria realidade. Os alunos saem de uma posição receptiva e ocupam o centro do processo a partir das ações educativas. O conhecimento é construído de forma colaborativa, com base nas experiências entre agentes e situações (LAURÍA; ZAMPAR; LEMOS, 2019; DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017).

Dentre os instrumentos que podem colaborar para a execução de metodologias ativas, destacamos o jogo, concebido como uma “atividade livre, conscientemente tomada como ‘não séria’ e exterior à vida habitual, mas, ao mesmo tempo, capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total” (HUIZINGA, 1996, p. 16). Ele é, portanto, uma alternativa para aplicar o uso de metodologias ativas, visto que permite a percepção e a sistematização de ordens e regras de modo voluntário.

Para a elaboração de um jogo, é preciso verificar se há três tópicos para o seu funcionamento: apresentação, organização e regras. Os jogos podem ser experimentais (elaborados pelo professor, buscando originalidade na forma de jogar o conteúdo escolhido), adaptados (permitem a adaptação na sala de aula de elementos que não foram contemplados pelo original) ou tradicionais (aqueles jogos cujas regras são conhecidas e fazem parte da tradição popular). Independentemente do tipo, “unir as características de uma aula às características de um jogo por comparação é unir no processo de ensino/aprendizagem os mesmos critérios de avaliação” (ROIPHE, 2017, p. 22).

Nesta perspectiva, as metodologias ativas permitem, por meio do jogo, que os alunos busquem conhecimentos a partir das experiências significativas na sala de aula, além de permitir que o professor descubra potencialidades dos seus alunos para inventar, reinventar, simular ações e provocar reações que sejam úteis ao processo de aprendizado.

## **O ENSINO E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: “NÓS” E “A GENTE”**

A Sociolinguística Variacionista Quantitativa, proposta por William Labov, surgiu na década de 60 do século passado e revolucionou o que se pensava sobre língua e suas variedades. Labov (1972) mostra que as línguas apresentam variações geográficas, históricas, sociais e situacionais e postula que essa heterogeneidade é inerente ao sistema linguístico. Essa variação não é caótica e imprevisível, pois o sistema é organizado por meio de regras categóricas e variáveis. Por exemplo, o pronome “a gente” é formado por a + substantivo “gente”, que só pode ser utilizado nessa ordem, jamais como “gente a”. Esta é uma regra categórica, ou seja, não há alteração e não varia.

Contudo, falantes de português podem fazer referência à primeira pessoa do plural por meio de “nós” e “a gente”. Essa é uma regra variável: têm-se duas formas, ou variantes, que podem exercer a mesma função linguística, com o mesmo valor de verdade. Na variação linguística, há competição entre duas ou mais formas: formas antigas, ou conservadoras, e formas novas, denominadas inovadoras. Eventualmente pode ocorrer uma mudança linguística na comunidade, na qual o uso de uma forma linguística é mais generalizado em detrimento da outra. Para a Sociolinguística Variacionista, “nós” e “a gente” são consideradas variantes linguísticas com o mesmo valor referencial ou de verdade (LABOV, 1972): ambas fazem referência à primeira pessoa do plural.

No português brasileiro, os estudos sociolinguísticos apontam que “nós” é a forma canônica, mais antiga, derivada do paradigma pronominal latino; e “a gente” é a forma inovadora, formada pelo substantivo

“gente” (LOPES, 2002, 2003, 2004). De modo semelhante a “nós”, “a gente” assume, na sentença, sobretudo as funções de sujeito e objeto direto, como se pode ver nos exemplos abaixo:

1. A gente estuda para prova na biblioteca. (função de sujeito)
2. Minhas amigas encontraram a gente na quadra. (função de objeto)

Estudos sobre a variação entre “nós” e a “gente” indicam uma crescente tendência à regularização da forma inovadora no paradigma pronominal brasileiro na função de sujeito (OMENA, 2003). Todavia, o uso de “a gente” gera grande conflito na sala de aula entre professores e alunos por envolver normas de concordância verbal e de preenchimento do sujeito diferentes das de “nós” (FREITAS; ÁLBAN, 1991; SEARA, 2000; LOPES, 2002, 2004; OMENA, 2003; BORGES, 2004; FERNANDES, 2004; ZILLES, 2005; VIANNA, 2006; SILVA; VITÓRIO, 2018).

Em Sergipe, onde o nosso objeto educacional foi testado, estudos de produção da variação no uso de 1PP da função de sujeito (FREITAG, 2016; MENDONÇA, 2016) apontam que, na fala, há predomínio de “a gente” entre jovens (18 a 29 anos), alunos da Educação Básica ou do Ensino Superior, o que sugere que essa forma não é socialmente estigmatizada. No que diz respeito à avaliação social, estudos de percepção (FREITAG; CARDOSO; GÓIS, 2018; CARDOSO; SOUZA; QUIRINO, 2018) sugerem que, na fala, essa variante não é estigmatizada: os falantes não veem problema no seu uso em contextos informais. No entanto, em situações escolares, a exemplo da escrita de redação, alunos de Ensino Médio avaliam “nós” como a forma mais apropriada, o que possivelmente é consequência do ensino do paradigma pronominal presente nas gramáticas do português brasileiro, mas, efetivamente, apresentam, em suas falas, o uso de “a gente” como variante de primeira pessoa do plural (PINHEIRO; SILVA, CARDOSO, 2018).

A forma “a gente” guarda características do substantivo “gente”, que nomeia um grupo de pessoas e adquire características de pronome. A partir do seu uso, o falante passa a dispor, em sua gramática, de quatro padrões de concordância verbal para a 1PP (que incluem os da variante “nós”): “a gente fala”, “a gente falamos”, “nós fala”, “nós falamos” (MARCOTULIO; VIANNA; LOPES, 2013). Se, por um lado, a forma “a gente” isolada não sofre estigmatização, por outro, dependendo do padrão de concordância, ela possui altos níveis de consciência e julgamentos sociais.

Os estudos de covariação da alternância entre “nós” e “a gente” indicam uma avaliação altamente negativa para ocorrências como “a gente vamos” e “nós vai”, que são frequentemente atribuídas a falantes menos escolarizados, o que evidencia um padrão de saliência das formas que são socialmente aceitáveis (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999). A avaliação social do uso de frases com “nós” e “a gente” sofre efeito da saliência fônica (cf. Quadro 1) definida a partir da relação de oposição de tonicidade, ou seja, do que é mais ou menos perceptível.

**Quadro 1** – Hierarquia da saliência fônica

Exemplo	Descrição
Falava / falávamos	A oposição V/V-mos é átona nas duas formas
Fala / falamos; trouxe / trouxemos	A oposição V/V-mos é tônica em uma das formas
Está / estamos; tem / temos	A oposição V/V-mos é tônica em ambas as formas
Comeu / comemos; partiu / partimos	A oposição V/V-mos é tônica em ambas as formas; sendo que há um ditongo que não aparece na 1PP
Falou / falamos; é / somos	A oposição V/V-mos é tônica em ambas as formas e a vogal tônica muda

**Fonte:** Adaptado de Naro; Görski e Fernandes, 1999.

No Quadro 1, observa-se uma relação hierárquica que vai do menos ao mais saliente. Quando a oposição entre a concordância verbal de terceira pessoa do singular e de primeira pessoa do plural é átona, a saliência é menor; quando essa mesma oposição é tônica, a saliência é maior e, por isso, o julgamento social tende a ser negativo.

Neste contexto de variação entre “nós” e “a gente”, o professor de Língua Portuguesa tem um papel de mediador entre o conhecimento e o aluno, pois deve propiciar ao discente a reflexão sobre os usos de “nós” e “a gente” na posição de primeira pessoa do plural nas diversas situações comunicativas, com o cuidado de identificar os sentidos produzidos ao abordar o ensino de língua no contexto de uso, o que fará com que o aluno conheça as diferentes normas linguísticas presentes na sociedade, podendo, assim, monitorar seu estilo.<sup>2</sup>

## MÉTODO

Neste trabalho, desenvolvemos o jogo didático-pedagógico intitulado “Roleta das Relações Sociais de ‘Nós’ e ‘A Gente’” para o ensino produtivo de gramática, com o objetivo de estimular o protagonismo do aluno na construção do seu próprio aprendizado.

Esse jogo foi aplicado em uma turma de 9º ano da Escola Estadual Jacintho de Figueiredo em Aracaju/SE com a participação de 18 alunos (5 meninos e 13 meninas)<sup>3</sup> divididos em quatro encontros compostos por três fases:

- 1) checagem inicial: aplicação de um instrumento de coleta;
- 2) aplicação do jogo: “Roleta das Relações Sociais”;
- 3) checagem final: sistematização das regras gramaticais.

Antes da primeira fase da execução do jogo, fomos convidados pela professora de Língua Portuguesa da turma para assistirmos a uma aula, a fim de estabelecermos contato com os alunos.

### Primeira Fase: checagem inicial

Nesta fase, os alunos responderam, individualmente, a um questionário (anexo) que continha 12 sentenças cujo objetivo era avaliar, por meio da gradência de *emojis*, o uso das variantes da primeira pessoa do plural em uma aula de Língua Portuguesa.

Nós assistiremos ao filme no fim de semana



Fonte: Elaborada pelos autores.

Figura 1 – Exemplo do modelo de frase com *emoji*

<sup>2</sup> Segundo Bortoni-Ricardo (2004), podemos pensar a monitoração estilística dentro de um contínuo que vai desde as interações totalmente espontâneas (estilos não monitorados), realizadas com pouca atenção às formas linguísticas, até aos estilos monitorados, nos quais ocorre um planejamento linguístico e atenção alta às formas.

<sup>3</sup> Destacamos que a direção da escola e a professora regente da sala autorizaram os pesquisadores a realizarem o jogo, assim como os pais e os alunos participantes que assinaram um termo de consentimento.

A elaboração das sentenças levou em conta critérios morfológicos (conjugação verbal: primeira, segunda e terceira); sintáticos (ordem da sentença, função sintática das variáveis de primeira pessoa do plural) e semânticos (papel temático exercido pelo sujeito da sentença). Os objetivos específicos dessa atividade foram: i) promover uma reflexão sobre o padrão de uso do fenômeno destacado pelo jogo; e ii) descrever o que, para os alunos, era socialmente aceitável em relação ao uso de “nós” e “a gente”.

Os alunos responderam ao questionário individualmente, em sala, sob a supervisão dos pesquisadores. Depois da avaliação das sentenças, recolhemos o questionário para iniciar a segunda fase de aplicação do jogo.

## **Segunda Fase: aplicação do jogo e a Roleta das Relações Sociais**

Nesta fase, solicitamos aos alunos que formassem quatro times para o jogo. Os alunos se organizaram a partir das suas afinidades e criaram os times assim nomeados: #OsRolezeiros, #MeninasMalvadas, #AsCacheadas e #AsDebochadas. Depois, apresentamos as regras norteadoras do jogo (Quadro 2) e a Roleta das Relações Sociais (Figura 2, na página seguinte) que, posteriormente, foram afixadas no quadro da sala:

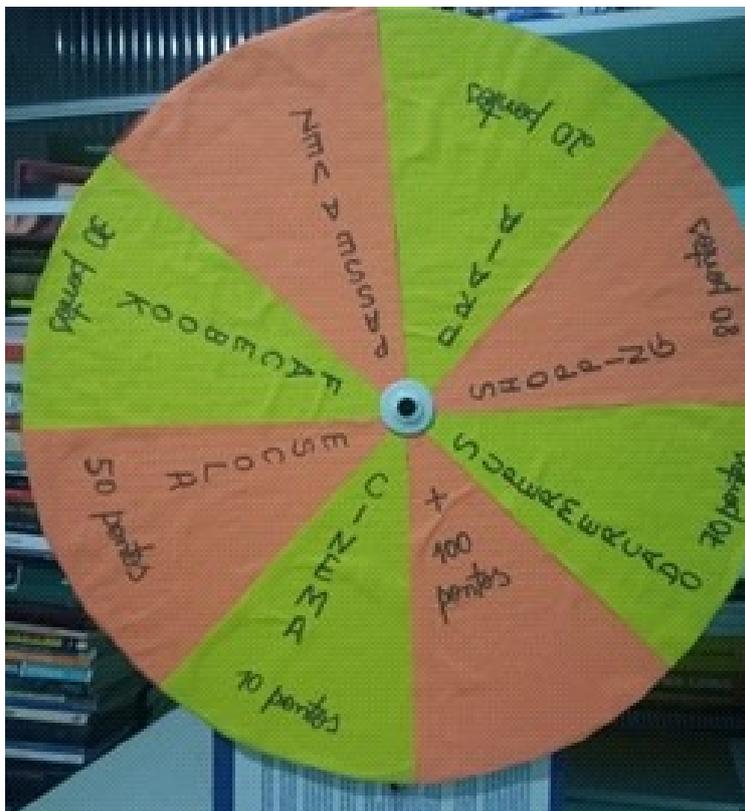
**Quadro 2 – Regras do jogo**

<b>REGRAS DO JOGO</b>
<b>1- Os alunos devem se dividir em cinco grupos de, no mínimo, quatro pessoas.</b>
<b>2- O grupo deve tirar a sorte para saber quando poderá girar a roleta.</b>
<b>3- O grupo deve escolher quem vai girar a roleta.</b>
<b>4- O representante deve escolher um dos seis cartões que contém a situação comunicativa.</b>
<b>5- O grupo deve criar um diálogo.</b>
<b>6- O representante do grupo deve mostrar aos colegas o cartão que escolheu, para que todos possam elaborar o diálogo.</b>

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

A roleta possui oito casas, enumeradas em ordem crescente: seis correspondem a situações de interação social (cinema, escola, *Facebook*, praia, *shopping* e supermercado) com uma tarefa correspondente (cf. Quadro 3); e duas referentes ao andamento do jogo (passe a vez e +100 pontos).

Para aumentar a participação dos alunos, a atividade foi dividida em duas rodadas: em cada uma, um representante de cada grupo era convidado a girar a roleta. Quando a roleta indicava uma situação social, um cartão, como exemplificado no Quadro 3, na página seguinte, era entregue para que, a partir dele, os alunos elaborassem um diálogo.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Figura 2 – Roleta utilizada para a execução do jogo

Quadro 3 – Cartão com a descrição da situação social *Facebook*

*Facebook*  
 A escola onde vocês estudam está de férias. Para se verem, vocês vão marcar, pelo grupo de *Facebook* de vocês, um passeio. Algum de vocês tem uma sugestão de lugar? Como isso pode ser dito aos demais?

Fonte: Elaborado pelos autores.

As regras para elaboração do diálogo estão explicitadas no Quadro 4, que segue:

Quadro 4 – Regras para a construção do diálogo

**O DIÁLOGO DEVE TER:**

- No mínimo 4 falas;
- Somente pronomes de primeira pessoa do plural (*nós* ou *a gente*);
- Somente discurso direto/
- Referência aos participantes da situação comunicativa.

Fonte: Elaborado pelos autores.

De posse dos seus contextos de interação, os participantes tinham 10 minutos para montar e escrever os diálogos que, posteriormente, foram apresentados para toda a turma, que os julgaram como adequados ou inadequados para os usos de “nós” e “a gente”, de acordo com a situação comunicativa indicada pelo cartão.

## Terceira Fase: sistematização do conteúdo abordado

Nesta última fase, apresentamos as ocorrências de “nós” e “a gente” presentes nos diálogos escritos pelos grupos e as comparamos com as frases do instrumento de checagem inicial. Depois, solicitamos aos alunos que apontassem diferenças e semelhanças relativas aos contextos de interação e aos participantes dos diálogos que influenciaram os usos de “nós” e “a gente”.

## ANÁLISES E DISCUSSÕES

Em primeiro lugar, é importante destacar que, de modo geral, a organização da sala nos subgrupos #OsRolezeiros, #MeninasMalvadas, #AsCacheadas e #AsDebochadas foi influenciada por fatores de transporte e de localização. A escola onde o jogo foi aplicado está situada na zona de expansão de Aracaju (cf. nota de rodapé 1) e recebe estudantes de dois públicos diferentes: os alunos que residem no Bairro Farolândia e os que residem no Bairro Santa Maria. Os alunos dos grupos #MeninasMalvadas #AsDebochadas e #OsRolezeiros residem no bairro Santa Maria e fazem uso do transporte público escolar fornecido pelo estado de Sergipe, ou seja, vão e voltam juntos para a escola, e esses mesmos alunos, na divisão dos grupos para execução do jogo, permaneceram unidos; já as alunas do grupo #AsCacheadas residem no bairro Farolândia e não fazem uso do transporte público oferecido pelo Estado.

O desempenho escolar foi outro fator que influenciou a divisão dos alunos: as alunas com maiores notas na sala formaram dois grupos específicos: #AsCacheadas e #MeninasMalvadas. Segundo a professora da turma, as integrantes desses dois grupos costumam tirar notas mais altas, enquanto os alunos dos outros grupos costumam tirar notas mais baixas.

## Percepção de “Nós” e “A Gente”

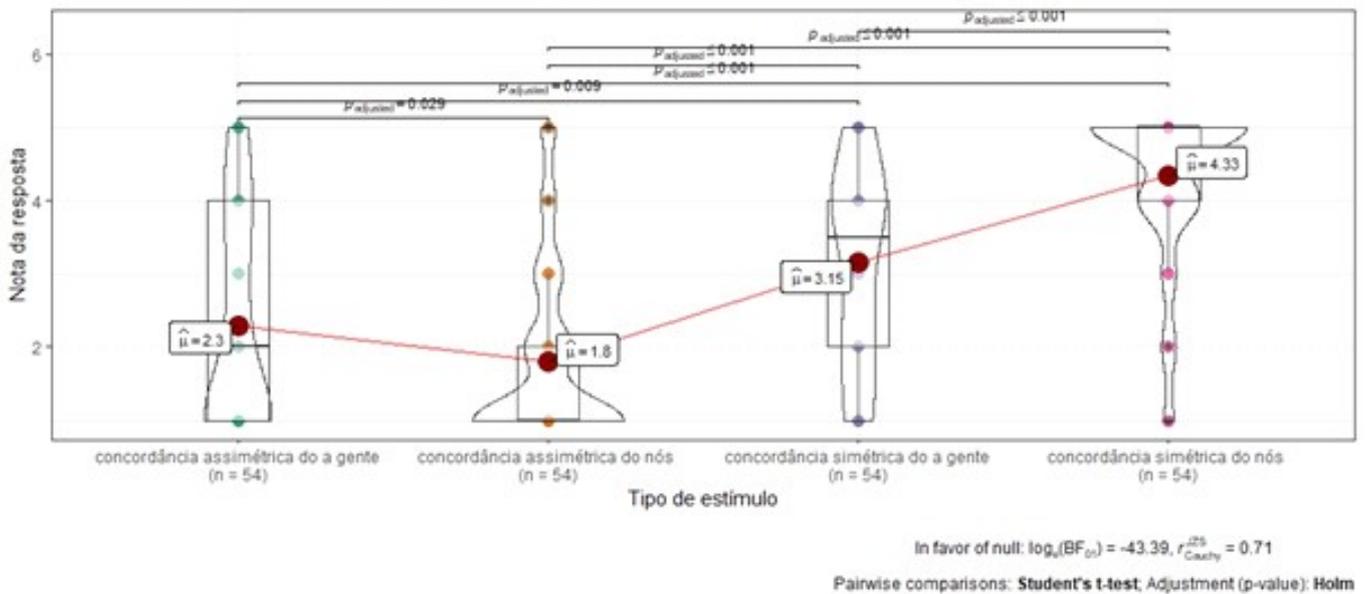
Após a aplicação do instrumento de coleta (checagem inicial), os *emojis* utilizados para julgamento das 12 frases foram transformados em uma escala de 1 a 5, para que pudéssemos descrever o julgamento dos estudantes em relação às formas “nós” e “a gente” em situações de assimetria (“a gente vamos” e “nós vai”) e simetria (“nós vamos” e “a gente vai”). Nesta pesquisa, consideremos contextos de simetria quando os traços de número e pessoa entre as formas “nós” e “a gente” estavam em harmonia com o verbo e os contextos de assimetria, quando os traços de número e pessoa estavam em desarmonia com o verbo. Para obter uma análise mais refinada, os dados foram tratados quantitativamente (216 ocorrências), utilizando um modelo estatístico em um desenho *within-subjects*, com *test-t* para medidas repetidas com teste *Fisher* (os mesmos alunos testados para todas as condições), considerando as variantes “nós” e “a gente” com o julgamento dos alunos, para medir a correlação entre as notas de julgamento com os usos de “nós” e “a gente” na posição de sujeito. A visualização do diagrama da Figura 3 foi desenvolvida com o pacote *ggstatsplot* (PATIL; POWELL, 2018) para a plataforma R (R CORE TEAM, 2019).<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> O R é uma plataforma de código aberto e gratuito que permite vários tipos de análise. Mais comumente, o R é utilizado para análises estatísticas, por isso tem sido utilizado nos estudos sociolinguísticos de caráter quantitativo. Por meio dele, é possível utilizar pacotes, como o *ggstatsplot*, que possibilitam a elaboração de gráficos e, conseqüentemente, uma melhor visualização dos dados. Para saber mais e ter acesso a tutoriais de uso: <http://bit.ly/3oUCVz4>.

### Média da nota de julgamento dos estímulos linguísticos

$F_{Fisher}(2.64, 139.78) = 38.70, p = < 0.001, \hat{\omega}_p^2 = 0.41, CI_{95\%} [0.29, 0.50], n_{pairs} = 54$



Fonte: Elaborada pelos autores.

**Figura 3** – Diagrama de violinos com a média da nota de julgamento de “nós” e “a gente” e os contextos de assimetria e simetria da posição de sujeito. A  $\hat{\mu}$  representa a média da nota de julgamento

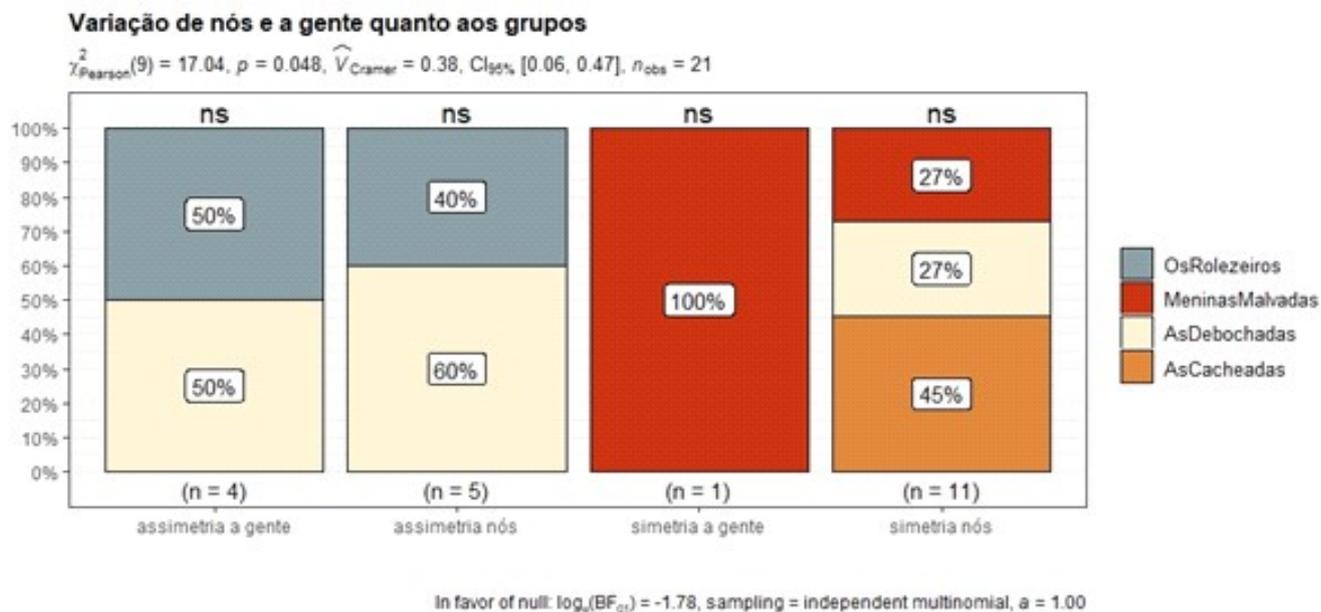
Na Figura 3, as medianas indicam o julgamento dos alunos referentes às frases no instrumento utilizado na primeira etapa do jogo. A leitura do gráfico deve ser feita da esquerda para a direita e os pontos vermelhos representam as medianas dos julgamentos de 1 a 5 para as concordâncias assimétricas e simétricas de “nós” e “a gente”. Observamos que a ocorrência mais bem avaliada (4.33, primeiro violino à direita) foi a de concordância simétrica com “nós” (nós vamos), indicando que a forma canônica no ambiente escolar é a mais bem avaliada. A concordância simétrica com “a gente” (a gente vai) foi a segunda mais bem avaliada (3.15, segundo violino à direita). Enquanto essas duas ocorrências obtiveram avaliações positivas, com médias elevadas, as duas outras obtiveram avaliações negativas, com médias mais baixas, conforme indicado pelos pontos mais baixos nos dois violinos à esquerda. A concordância assimétrica de “a gente” (a gente vamos) e de “nós” (nós vai) foram avaliadas negativamente (2.3 e 1.8, violinos exibidos da esquerda para a direita).

Os resultados apresentados foram estatisticamente significativos entre si ( $f=(2.64, 39) = 38.70, p = < 0.001$ ) com associação forte entre a variação de primeira pessoa ( $\hat{\omega}^2 = 0.41$ ), indicando que há um padrão social referente aos usos de “nós” e “a gente” associados à concordância verbal, isto é, os falantes julgam as construções “nós falamos” e “a gente fala” de forma positiva, enquanto as construções “nós fala” e “a gente falamos” são julgadas de forma negativa (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; FREITAG; CARDOSO; GÓIS, 2018).

### Produção de “Nós” e “A Gente”

Esta seção refere-se à segunda etapa do jogo, quando os alunos fizeram a produção dos diálogos. Para análise estatística e apresentação dos resultados extraímos as ocorrências de uso das variantes da primeira pessoa do plural nos diálogos e cotejamos com os contextos sociais presentes na roleta (cinema, escola, *Facebook*, lanchonete, praia e supermercado). Depois, os dados foram tratados estatisticamente por meio de um modelo estatístico inferencial/descritivo, com o teste de *qui-quadrado* de *pearson* para comparar o efeito da realização

de “nós” e “a gente” e dos contextos sociais nos grupos estabelecidos no jogo. A visualização dos gráficos abaixo (Figuras 4 e 5) foi feita com o pacote *ggstatsplot* (PATIL; POWELL, 2018) para a plataforma R (R CORE TEAM, 2019).



Fonte: Elaborada pelos autores.

**Figura 4** – Gráfico de frequências da aplicação de “nós” e “a gente” em posição de sujeito nos diálogos em função dos grupos

Na Figura 4, os dados não foram estatisticamente significativos entre si ( $\chi^2(9) = 17.04, p=0.048$ ) com fraca associação entre os grupos ( $\hat{v}^2 = 0.38$ ). Entretanto, os percentuais revelam um resultado interessante. O gráfico indica que o grupo #AsCacheadas foi o único a realizar todas as ocorrências com simetria de “nós”, enquanto os grupos #AsDebochadas, #MeninasMalvadas e #OsRolezeiros mesclaram os usos da aplicação canônica (simetria de nós) com a aplicação da forma inovadora (simetria e assimetria de a gente) para a concordância das duas variantes da primeira pessoa do plural, conforme mostra a divisão das colunas expostas na Figura 4, representadas a seguir:

#MeninasMalvadas: simetria de a gente (100%) e simetria de nós (27%)

#AsDebochadas: assimetria de a gente (50%), assimetria de nós (60%) e simetria de nós (27%)

#OsRolezeiros: assimetria de a gente (50%) e assimetria de nós (40%)

Esses resultados sugerem que, na turma, há quatro tipos de normas operando entre os alunos: a norma simétrica canônica (nós vamos) e outras três normas de uso: norma simétrica do “a gente” (a gente vai), norma assimétrica do “a gente” (a gente vamos) e norma assimétrica do nós (nós vai). Por mais que o julgamento entre os alunos seja de que há uma forma prestigiada e outra não prestigiada, a maioria dos alunos transita entre as três normas não canônicas, enquanto somente o grupo #AsCacheadas adequa sua fala/escrita para a forma canônica.

Essa dualidade entre normas de prestígio e desprestígio é evidenciada pelos metacomentários dos alunos quando questionamos se todos concordavam com a aplicação de “nós” e “a gente”:

DOC: Vocês utilizaram as duas formas, por quê?

#AsDebochadas:

ALUNO 01: Porque pra gente é normal falar assim.

ALUNO 02: Pois é... A gente não vê diferença nas duas formas.

ALUNO 03: Utiliza nas duas formas (o grupo concorda).

#AsCacheadas:

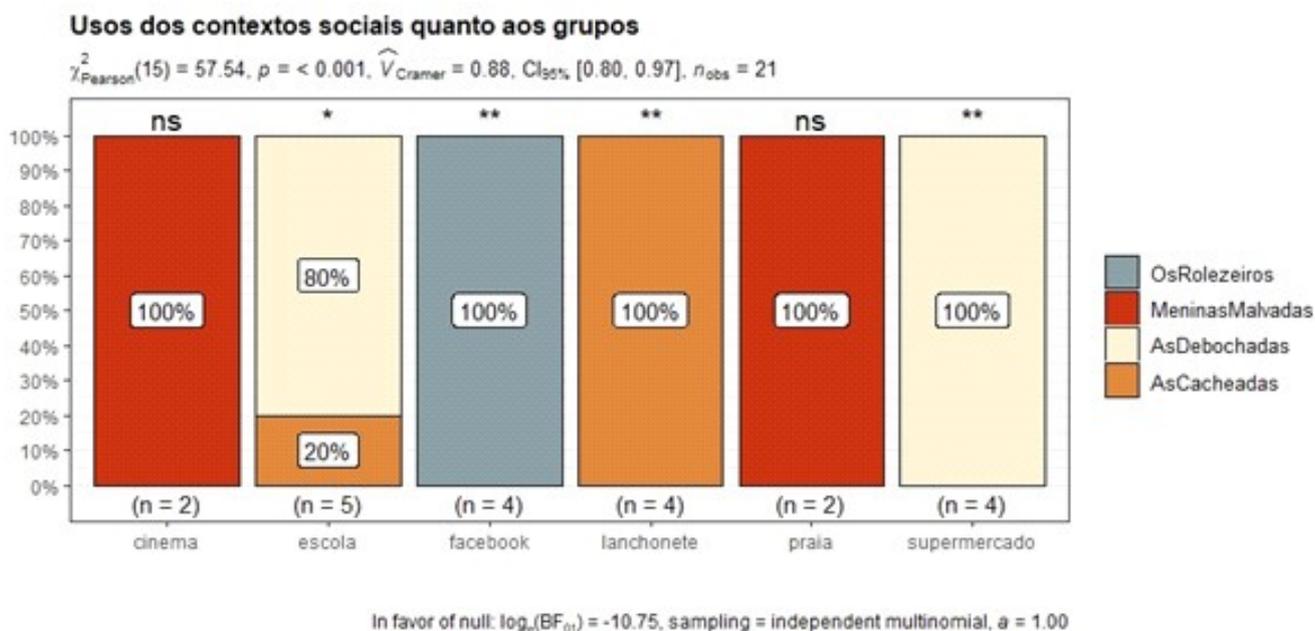
ALUNO 04: Tá errado “a gente vamos”, “nós vivemo”, “nós vai”.

#OsRolezeiros

ALUNO 05: A gente usa tudo. “Nós vai”, “nós iremos”, “nós vai”. Quando a gente é corrigido na pressão, a gente fala certo.

Nos julgamentos sobre o que é “certo” ou “errado”, o ALUNO05 utiliza como argumento as possíveis realizações (desprestigiadas) de concordância do verbo “ir” com as variantes “nós” e “a gente”. Considerando a tonicidade entre as formas da terceira pessoa do singular e da primeira pessoa do plural (irá/iremos), é possível que a alta saliência tenha relação com o julgamento negativo realizado pelo estudante, considerando-se a escala hierárquica proposta por Naro, Görski e Fernandes (1999).

A saliência fônica pode ser o motivo pelo qual o grupo #AsCacheadas apresenta maior consciência quanto ao uso da norma padrão, pelo fato de haver uma maior sensibilidade aos usos do que os outros alunos, fazendo com que a concordância verbal de primeira pessoa do plural seja realizada conforme a gramática normativa aconselha, ao passo que #AsDebochadas, #MeninasMalvadas e #OsRolezeiros mesclam entre as normas padrão e não padrão.



Fonte: Elaboração própria

Figura 5 – Gráfico de frequências dos contextos sociais nos diálogos em função dos grupos

Na Figura 5, nota-se que os contextos sociais e os grupos diferem entre si estatisticamente ( $\chi^2(15) = 57.54$ ,  $p=0.001$ ) com forte associação entre o uso do contexto para aplicação de “nós” e “a gente” e o grupo ( $\eta^2 = 0.88$ ). Os resultados sugerem que os espaços sociais para a aplicação de “nós” e “a gente” influenciam a monitoração da produção dos diálogos quanto ao uso dessas formas. Notamos que o grupo #AsCacheadas utilizou simetria de “nós” em ambientes nos quais as relações são caracteristicamente hierárquicas (escola e lanchonete); enquanto o grupo #AsMeninasMalvadas utilizou simetria de “nós” e “a gente” para ambientes menos formais (cinema e praia) nos quais esses usos seriam permitidos, ao passo que #AsDebochadas e #OsRolezeiros utilizaram a concordância de “nós” e “a gente” assimétricas, independentemente de a situação social ser mais formal (supermercado e escola) ou informal (*Facebook*). A influência dos diferentes círculos e relações sociais é refletida no comportamento linguístico, especificamente pelo julgamento e uso das variantes de primeira pessoa do plural.

Após a execução da última fase, sistematizamos o conteúdo abordado ao longo do jogo “Roleta das Relações Sociais do ‘Nós’ e ‘A Gente’”. Para isso, discutimos com os alunos as noções de “erro”, “acerto”, “adequado” e “inadequado” no que diz respeito à variação da primeira pessoa do plural, evidenciando as quatro regras de usos que operam na aplicação de “nós” e “a gente” na concordância verbal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme defendemos, nas aulas de Língua Portuguesa deve-se levar em consideração a experiência dos alunos enquanto falantes. A turma de 9º ano em que aplicamos o jogo apresenta um ambiente heterogêneo: nela, reúnem-se falantes que, fora do convívio escolar, estão inseridos em círculos sociais distintos, com maior ou menor contato com a variedade linguística de prestígio.

A aplicação do jogo mostrou que, nessa turma, há diferenças nas regras de uso e concordância da primeira pessoa do plural, mas nem todos tinham consciência delas, o que evidencia a importância de um modelo de ensino de língua que seja sensível às particularidades sociolinguísticas dos alunos. Para isso, as metodologias ativas por meio de jogos, que põem o aluno como protagonista do processo de aprendizagem e o professor como mediador, apresentam-se como uma alternativa plausível, pois foi mediante as experiências, dos colegas e das próprias, que toda a turma pôde ressignificar usos linguísticos e seus condicionamentos e impactos na vida social.

## ANEXO

### Instrumento diagnóstico (sentenças)

Um estudante do Ensino Fundamental escreveu um conjunto de frases para apresentar aos colegas e a professora na aula de português. Para realizar a seguinte atividade, pense que você é um juiz ou juíza. A sua tarefa agora será julgar o conjunto de frases a partir dos critérios de adequado ou não adequado. Você deverá marcar o *emoji* que achar correspondente para a avaliar as frases.

*Nós assistiremos* ao filme no fim de semana



Minhas amigas *encontraram a gente* na quadra



Nós *estuda* sempre para a prova



Nós *vende* as verduras na feira



A *gente* *estuda* para prova na biblioteca



A *gente* *corre* na quadra no intervalo



A *gente* *falamos* com a diretora da escola



A *gente* *aprendemos* o assunto com a professora



As provas da *gente* *começa* amanhã



As atividades *da gente* *acontece* hoje



Nós *brincaremos* na quadra amanhã no intervalo



As professoras *aborrecem* a *gente* com as provas



## REFERÊNCIAS

BERBEL, N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BORGES, P. R. S. *A gramaticalização de “a gente” no português brasileiro*. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na escola*. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós cheguem na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação. *Parâmetros curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: SEF/MEC, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: SEF/MEC, 2017.

- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J.; HOPPER, P. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- CARDOSO, P. B.; SOUZA, V. R. A.; QUIRINO, R. R. Como estudantes sergipanos acham que falam? Atitudes linguísticas quanto à variação da primeira pessoa do plural. In: ATAÍDE, C.; DE AZEVEDO, I. C. M.; FREITAG, R. M. K. (org.). *Linguística e literatura: teoria, análises e aplicações*. Pipa Comunicação, 2018. p. 133-144.
- FRANCHI, C. *Mas o que é mesmo “gramática”?* São Paulo: Parábola, 2006.
- DEWEY, J. *Vida e educação*. 10. ed. Tradução Anísio Teixeira. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- DEWEY, J. *Arte como experiência*. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DIESEL, A.; BALDEZ, A. L. S.; MARTINS, S. N. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma proposta de abordagem teórica. *Revista Thema*, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.
- FERNANDES, E. Fenômeno variável: nós e a gente. In: HORA, D. da (org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: ILAPEC, 2004. p. 149-162.
- FREITAS, J.; ALBÁN, M. del R. Nós ou a gente? *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 11, p. 75-89, 1991.
- FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 32, n. 4, p. 889-917, 2016.
- FREITAG, R. M. K.; CARDOSO, P. B.; GOIS, P. Y. A percepção da variação na primeira pessoa do plural: efeitos do monitoramento estilístico e urbanização. In: LOPES, N. da S.; CARVALHO, C. dos S.; SOUZA, C. M. B. de. (org.). *Fala e contexto no português brasileiro: estudos sobre variação e mudança linguísticas*. Salvador: EDUNEB, 2018. p. 65-84.
- GIVÓN, T. *Context as other minds: The pragmatics of sociality, cognition and communication*. Philadelphia: John Benjamins, 2005.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. *Where does the linguistic variable stop?: A response to Beatriz Lavandera*. Southwest Educational Development Laboratory, 1978.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change, volume 2: Social factors*. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- LAURÍA, R. L.; ZAMPAR, D.; LEMOS, W. de. M. A mais valiosa missão do professor. In: NEVES, V. J. das.; LIMA, M. T.; MERCANTI, L. B.; COSTA, D. J. A. (org.). *Metodologias ativas: inovações educacionais no ensino superior*. São Paulo: Pontes, 2019.
- LOPES, C. R. dos. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKIMIN, T. (org.). *Para a história do português brasileiro*. v. 3. São Paulo: Editora USP, 2002. p. 25-46.

- LOPES, C. R. dos S. *A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/ Iberoamericana, 2003. v.18, p. 174-184.
- LOPES, C. R. dos S. A gramaticalização de a gente em português em tempos real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. *Fórum Lingüístico*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004.
- MARCOTULIO, L.; VIANNA, J.; LOPES, C. Agreement patterns with a gente in Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Cambridge, v. 12, n. 2, p. 125-149, 2013.
- MENDONÇA, J. J. *Variação na expressão da 1ª pessoa do plural: indeterminação do sujeito e polidez*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.
- NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. *Language variation and change*, v. 11, n. 2, p. 197-211, 1999.
- OMENA, N. P. A referência a primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (ed.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 286-319.
- PATIL, I.; POWELL, C. *Ggstatsplot: “ggplot2”*. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3syePMI>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- PINHEIRO, B. F. M.; SILVA, L. S.; CARDOSO, P. B. Como estudantes do ensino médio acham que falam? Crenças sobre a palatalização de oclusivas e expressão da 1ª pessoa do plural. *Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 19, n. esp., p. 176-191, 2018. (Dossiê: VII Encontro de Sociolinguística).
- R DEVELOPMENT CORE TEAM. *A language and environment for statistical computing*, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/2LXeK4y>. Acesso em: 21 abr. 2020.
- ROIPHE, A. O jogo na aula de literatura. In: ROIPHE, A. (org.). *Literatura em jogo: proposições lúdicas para aulas de português*. Aracaju: Criação, 2017. p. 11-24.
- SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. *Organon*, v. 14, n. 28-29, p. 179-194, 2000.
- SILVA, J. M. S.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. A implementação de a gente não sujeito no sertão alagoano. *A Cor das Letras*, v. 19, n. 2, p. 183-198, 2018.
- VIANNA, J. S. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras – Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- ZILLES, A. M. S. The development of a new pronoun: The linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, v. 17, n. 1, p. 19-53, 2005.